

A CRIANÇA NA ESCOLA: UM CORPO FRAGMENTADO

LILIAN REIS ROLIM

*Licenciada em Educação Física pela UNESP de Rio Claro; Bolsista pela CAPES;
Mestranda em Educação na UNINOVE*

Resumo

Este trabalho pretende discutir a questão do corpo da criança na escola e de como este vem sendo tratado de forma fragmentada. A criança, além de ser dividida em corpo e mente, é dissociada de seu mundo cultural e social para entrar no mundo da escola. Destaca-se ainda a importância da educação física infantil para o desenvolvimento físico, emocional, cultural e social da criança, levando-a a ter conhecimento de si mesma por meio da cultura corporal, conhecimento do outro e da sociedade em que vive. É por meio da Educação Física, com a utilização de brincadeiras, jogos e brinquedos que a criança já conhece, que ela interage no mundo e na sociedade, aprende regras, torna-se crítica, aprende a falar e a ouvir os outros. Propõe-se que a criança seja tratada na escola de forma mais humana, que seus conhecimentos sejam respeitados e que os utilize para buscar um maior desenvolvimento de suas habilidades motoras, bem como para desenvolver os aspectos cognitivos e sociais.

Palavras-chave: *brinquedo; criança; cultura corporal; educação física; fragmentação.*

Abstract

This work intends to discuss the subject of the child's body in the school and how it has been treated in a fragmented way. The child, besides being divided in body and mind, is dissociated from her cultural and social world to enter in the world of the school. It still stands out the importance of the infantile physical education for the child's physical, emotional, cultural and social development, taking her to have knowledge of herself through the corporal culture, the knowledge of the other, and of the society in which she lives. It is through the physical education, with the use of games and toys that the child already knows, that she interacts in the world and in the society, she learns rules, becomes critic, she learns how to speak and to hear the others. Hence, it is proposed that the child be treated in the school in a more human way, that her knowledge be respected, and that she takes advantage them searching for a larger development of her motive abilities, as well as growing the cognitive and social aspects.

Key words: *toy; child; corporal culture; physical education; fragmentation.*

Na educação, o homem é fragmentado, dividido em partes: uma física, que corre, pula, faz exercícios e ‘carrega’ a outra parte; uma mental, para aprender os conceitos apresentados pela escola, e que anula a primeira. E mais, o homem também é apartado de seu contexto social, pois a escola é um mundo totalmente isolado do real, externo a ele. Quando se pensa na criança, esta situação se agrava ainda mais. Antes de freqüentar a escola ela corre, brinca, pula, grita; uma vez nela, é obrigada a submeter-se a uma imobilidade com a qual não está acostumada, a ficar sem se mexer para ‘aprender’ o que lhe vai ser ensinado.

A aprendizagem depende muito da ação corporal e o que a criança sabe fazer melhor é brincar. Conforme Freire (1997), a criança é especialista em brincar. Para esse autor, a adoção de atividades da cultura infantil como conteúdo pedagógico facilitaria o trabalho do educador, pois manteria o interesse e a motivação dos alunos. Aprender a trabalhar com as brincadeiras infantis, a cultura e os conhecimentos que a criança já possui garante um bom desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e sociais, sem que para isso seja necessário impor uma linguagem corporal estranha. No entanto, não é isso que acontece na escola.

De acordo com Figueiredo (1999), nas atividades escolares não há lugar para a cultura infantil, como brincadeiras, jogos e outras atividades que fazem parte do seu saber popular. Ao fazer isso, a escola nega o corpo concreto das crianças: seus conhecimentos, movimentos, ritmos etc. Os alunos são educados de forma autoritária, tornando-se seres passivos, pois recebem os conhecimentos impostos de maneira desvinculada de sua realidade. Para esse autor, um dos objetivos da escola é controlar o corpo, por meio do controle do tempo, espaço, movimento, gesto e atitudes dos alunos, sendo a sala de aula o espaço ideal

para isso, onde se impõem os conhecimentos aceitos como ‘mais importantes’. A criança que não aceita as regras da escola e resiste em defesa de sua corporeidade, é rotulada como bagunceira, desordeira. Assim, a escola silencia a ação corporal-verbal que não esteja de acordo com as normas estabelecidas.

Santos (1999) afirma que a visão de que o corpo escolar é um corpo universal, assumido como igual para todos, destitui seus significados. Para ele, o currículo torna controláveis corpos incontroláveis. Existe uma outra forma de ensinar, como nos ensina Freire (1997: 13-14), para quem a criança só aprende no espaço da liberdade, onde ela possa mexer-se, pensar, criticar. Ele propõe que se inicie uma ‘educação de corpo inteiro’:

Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar. Por causa dessa concepção de que a escola só deve mobilizar a mente, o corpo fica reduzido a um estorvo que quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará.

Conforme Santana (1995), o corpo é o primeiro e mais natural objeto a constituir-se como o meio técnico do homem. Para a autora, faz-se urgente perceber uma maneira própria de identificar-se, quer consigo mesmo, quer com a sociedade. É pelo corpo que a criança realiza brincadeiras fundamentais para o seu desenvolvimento. De acordo com Figueiredo (1999), o corpo é seu primeiro brinquedo, e à medida que ela amplia experiências, este já não é mais suficiente, e a criança cria então seus brinquedos; por meio de brincadeiras e jogos, constrói esquemas motores, exercita-se, faz novas descobertas e interage com o mundo que a cerca.

A cultura corporal e os conhecimentos produzidos socialmente e acumulados pela humanidade devem ser trazidos e transmitidos aos alunos na escola. Não é anulando os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, e sim aproveitando esses conhecimentos corporificados que a escola deve agir. Para Freire (1997), negar a cultura infantil é, no mínimo, mais uma das cegueiras do sistema escolar. A educação infantil tem como objetivo fornecer à criança os meios essenciais para o desenvolvimento de suas capacidades fundamentais. O envolvimento dela em ações motoras possibilita o conhecimento de si mesma, do mundo que a cerca e de suas possibilidades de ação sobre ele.

O desenvolvimento motor é um processo pelo qual a criança adquire controle do próprio corpo e de habilidades motoras. Desenvolver a capacidade de movimento representa uma forma de conhecimento das potencialidades corporais, hábitos de saúde e bem-estar e uma maneira de exprimir, por meio de emoções, sentimentos e modos de comunicação – o movimento, portanto, representa uma maneira de relacionar-se com o mundo.

No que diz respeito à Educação Física, é de conhecimento geral que as oportunidades de movimento adequadas às características e necessidades da criança são fundamentais para o seu desenvolvimento global. No entanto, Ferraz (2000:18-19) afirma a necessidade de especificar o conceito de movimento, que implica mais do que o deslocamento do corpo e dos membros produzido pelo resultado do padrão espaço-temporal da contração muscular:

É por meio do movimento que o ser humano se relaciona com o meio ambiente para alcançar seus objetivos. Comunicando-se, expressando seus sentimentos e sua criatividade, por meio do movimento, o ser humano interage

com o meio físico e social, aprendendo sobre si mesmo e sobre o outro.

A Educação Física no currículo escolar, com relação à cultura corporal, busca identificar simbolicamente, por intermédio de jogos, danças, lutas, esportes, ginásticas etc, as realidades históricas e culturais vividas pelo homem. Para Queiroz (2001), ao incorporar essas atividades, que ele chama de representações corporais lúdicas, o homem deverá utilizar-se delas como instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura. É importante que os alunos aprendam sobre esses desenvolvimentos da cultura corporal; eles devem saber que os conhecimentos foram sendo construídos em determinados momentos, como resposta a estímulos ou necessidades humanas, transmitidos e adaptados com o passar do tempo.

A educação física não é apenas uma educação do movimento ou pelo movimento, mas uma ‘educação de corpo inteiro’, o que significa que o corpo deve ter uma relação com ele mesmo, com o corpo dos outros, com os objetos e com o espaço. No entanto, o humano continua ‘esquartejado’, partido em pedaços como num quebra-cabeça, em que sempre falta uma peça. É impossível perceber o humano em partes, só como corpo ou como mente, bem como separado de seu contexto na sociedade, no universo.

Considerações finais

É preciso que a criança seja tratada na escola como um todo, como um ser pensante, racional, emocional – um ser humano, enfim –, que se movimenta e, principalmente, que traz consigo um universo cheio de fantasias, de brincadeiras, de atividades que não podem de maneira alguma ser ignoradas.

É necessário que se reconheça a importância dos conhecimentos, das

experiências já vividas pela criança no contexto das brincadeiras e dos jogos, e que se utilize deles como complemento dos conteúdos pedagógicos propostos pela escola, para a aprendizagem e o desenvolvimento motor, cognitivo, social e cultural da criança.

Tratar a criança como um todo, não separando mente e corpo, e situá-la em seu contexto social, não ignorando sua experiência anterior, são formas de promover uma educação de corpo inteiro, impedindo a fragmentação do ser humano.

Referências bibliográficas

FERRAZ, Osvaldo L. *Educação Física Infantil e o Referencial Curricular Nacional: significado para os professores*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2000.

FIGUEIREDO, Marcio X. B. *A Corporeidade na Escola: análise de brincadeiras, jogos e desenhos de crianças*. Pelotas: Universitária, 1999.

FREIRE, João Batista. *Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física*. São Paulo: Scipione, 1997.

QUEIROZ, José J. Redescobrir a Corporeidade – Parte 4. Corporeidade e Educação. *Revista Revés do Avesso*. São Paulo: CEPE – Centro Ecumênico de Publicações e Estudos “Frei Tito de Alencar Lima”. jul. 2001.

SANTANA, Carmita L. *Bioenergética: uma abordagem etnográfica do corpo*. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Educação da PUC-SP, 1995.

SANTOS, Luís H. S. Pedagogias do Corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, L. H. (org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.